

## OUTRORA AGORA: TESSITURAS CONTEMPORÂNEAS

*Andréa Figueiredo Leão Grants*

*Gizelle Kaminski Corso*

*Jair Zandoná*

*Stélio Furlan*

*Susan A. de Oliveira*

*Tanay Gonçalves Notargiacomo*

Universidade Federal de Santa Catarina

Vera Sabino, na tela *Rendeira da Lagoa da Conceição*, surpreende os devaneios de uma jovem mulher com paisagem ao fundo sem que os hábeis dedos descuidem do manuseio dos bilros. Entre imaginação e labor a renda se faz. Inevitável não evocar a ideia já consagrada de que todo texto é um tecido, tessitura. Por sinonímia, especialmente dedicado ao estudo das condições de possibilidade das literaturas contemporâneas de expressão portuguesa, equivale dizer que o presente número foi urdido numa parceria entre a revista **Anuário de Literatura**, publicação do Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC) e o **Real Gabinete Português de Leitura**, sediado no Rio de Janeiro, cuja concepção surgiu em decorrência das recentes comemorações do Ano de Portugal no Brasil e Ano do Brasil em Portugal.

Concorde a esse horizonte de expectativas, o volume 18 número 2 se abre com **Damas e Donas de si: leituras de *Minha Senhora de Mim* de Maria Teresa Horta e *Minha Senhora de Quê* de Ana Luísa Amaral**, de Fabio Mario da Silva, que procura identificar no *corpus* de análise evidenciado no título do seu artigo uma poética na qual o “eu” lírico constrói uma obra *sui generis* dentro de uma perspectiva feminista (feminina). Lido como “o intelectual em trânsito”, o poeta moçambicano falecido recentemente **Virgílio de Lemos** é palavra-chave do artigo de Luciana Brandão Leal. A autora investiga em que medida a poesia de Virgílio Lemos produzida entre 1944-1963 se revelou rebelde e transgressora em relação ao gosto literário predominante em Moçambique e, ao considerar a produção

heteronímica (Duarte Galvão, Bruno Reis e Li Lee Yang) avalia o modo pelo qual suplementa as contribuições inovadoras das vanguardas europeias e do modernismo português.

Entrelaça-se igualmente ao presente número as **Notas sobre a poesia portuguesa da década de 70: o caso de Al Berto**, de Leonardo de Barros Sasaki, que ousa uma visão de conjunto da lírica portuguesa contemporânea, dedicando especial atenção àquela produzida na década de 70. Com destaque para a poesia de Al Berto, o autor centra o investimento discursivo na relação no caráter declaratório e dialogante da poesia; a não-coincidência entre poema e poesia e a questão da vinculação/constituição do sujeito poético. Já em **O tempo no conto “Testemunha”, de Lídia Jorge**, Letícia Braz da Silva objetiva analisar a estrutura temporal do referido conto entrançando como referencial teórico os estudos do texto narrativo proposto por Gérard Genette, Paul Ricoeur e Benedito Nunes. O artigo objetiva pensar em que medida a alteração da ordem temporal (*anacronia*) e a organização discursiva subvertida por meio de recuos temporais (*analepses*) contribuem para a motivação da história.

**De Evita a Eva Lopo, do romance de Lídia Jorge ao cinema de Margarida Cardoso: a transposição de uma personagem intransponível**, de Camila Canali Doval põe em cena um estudo sobre a adaptação cinematográfica do romance *A costa dos murmúrios* (1988). Afora um *treveling* sobre o que se convencionou chamar “cinema português”, na observação da forma com que a diretora Margarida Cardoso interpretou e transpôs, em 2004, o romance de Lidia Jorge, ajustando o foco de análise à atuação das mulheres diante do conflito enfocado no livro encontra-se o interesse do artigo. No artigo **A santa e a sereia no espaço/tempo das águas moçambicanas**, Neiva Kampff Garcia se concentra na análise do romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, publicado em 2006, identificando a formalização de um encontro dos imaginários europeu e africano no qual se mesclam o pensamento e a voz da cultura portuguesa colonialista do século XVI e questões identitárias da sociedade moçambicana do século XXI.

Embora eleja como referencial teórico questões associadas à metaficção historiográfica contemporânea (a noção de herói problemático, a revisão das ideologias e dos mitos, a questão dos limiares entre história e ficção) no artigo **Entre o pampa e o mar: questões de civilização e barbárie**, Lívia Petry Jahn privilegia uma reflexão sobre as noções de civilização e barbárie estendidas aos romances *O Pintor de Retratos*, de Assis Brasil (2001) e *As Naus*, de Lobo Antunes (2011). Enquanto que no artigo **Outro mar, outro eu: uma leitura sobre a natureza metafórica de Paisagem com mulher e mar ao fundo**, Mariana Marques de Oliveira objetiva avaliar a poesia de Teolinda Gersão, publicada oito

anos após da Revolução dos Cravos, tendo como ar do tempo as décadas de regime ditatorial português, compreendendo a paisagem, o olhar sobre mar, enquanto símbolo da cultura, memória e história portuguesas.

E, para arrematar a tessitura do presente número, somam-se seis artigos de temática livre. Aquém-mar, em **Demandas do presente: Traduzir-se, de Ferreira Gullar**, Sandro Adriano da Silva sugere uma leitura do poema como exercício lírico-existencial cuja elaboração estética articula metáforas sintomáticas de uma subjetividade cindida. O autor considera rentável uma aproximação entre alguns pressupostos da psicanálise à teoria e crítica de poesia, para se alcançar um horizonte de compreensão sobre a poesia de Ferreira Gullar.

Avaliar contrastivamente o(s) **Amor(es) de Clarice e Rui Torres** é a promessa do artigo de Keilla Conceição Petrin Grande. A autora aborda o conto *Amor* de Clarice Lispector e o poema *Amor de Clarice*, de Rui Torres, lendo-os a partir do conceito de “hipotexto” segundo definição de Genette, e da tradução intersemiótica conforme os trabalhos de Julio Plaza e Claus Clüver, para os quais a “tradução” não se pensa como mera transferência de sentido do original que deve a ele se subordinar, mas, sim, enquanto uma atividade igualmente criadora. Já o título do artigo **A importância da natureza para a construção de uma identidade feminina na poesia *Que transpõe O halo*, de Marcele Aires: uma análise sob o ponto de vista do ecofeminismo**, Marciano Lopes Silva é autoexplicativo.

**Letter: a carta/letra e o jogo da correspondência**, de Joacy Ghizzi Neto, revisita uma leitura do conto “A carta roubada” de Edgar Allan Poe amarrando-a às análises propostas a respeito por Lacan, Derrida e Nancy. Afora apostar nos desdobramentos lógicos da similitude do significante *letter/lettre*, leia-se carta/letra, conclui-se com uma reflexão sobre o procedimento da correspondência entre artistas/poetas enquanto um jogo de posições ambivalentes, em vez de mera troca estática de mensagens entre remetente e destinatário.

Em **Escrita, performance e representação de si**, Nayara Marfim Gilaberte Bezerra aposta no conceito de autoria como performance amarrando-o à reflexão sobre os espaços de e(u)núnciação utilizados por João Paulo Cuenca, escritor que se faz valer das plataformas digitais como meios para divulgação, apresentação e criação de suas obras. Finalmente, no artigo **Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**, Leomir Cardoso Hilário recorta três obras para análise, a saber, *1984*, de Orwell, *Fahrenheit 451*, de Bradbury e *Admirável Mundo Novo*, de Huxley. Se o autor esclarece, de imediato, que relações entre literatura e sociedade, mediadas pela teoria crítica da primeira geração da Escola de Frankfurt definem as motivações do seu artigo, não é menos

certo dizer que também investiga o modo pelo qual as “distopias” se constituem como meios de análise da sociedade contemporânea.

Resta agradecer a artista plástica Vera Sabino pela sugestão da capa, um quadro (acrílico sobre eucatex, 0,50X0,60) cujo tema, uma jovem rendeira com a igreja de Santo Antônio de Lisboa ao fundo ambientado na Ilha de Santa Catarina, pareceu-nos uma moldura perfeita para este número da **Anuário de Literatura**, como dissemos, especialmente dedicado aos estudos sobre as literaturas de expressão portuguesa na contemporaneidade. Cumpre registrar nossa gratidão à Profa. Gilda Santos e aos investigadores do **Polo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras** (PPRLB), sediado no Real Gabinete Português de Leitura, — que desenvolvem estudos sobre diferentes aspectos das relações luso-brasileiras, com uma perspectiva crítica interdisciplinar —, pelo indispensável auxílio na divulgação da proposta e na avaliação dos textos submetidos para publicação. E pensamos que assim, antes tarde, fizemos valer as motivadoras palavras de Fernando Pessoa sobre essas relações: “urge que estreitemos inteligências”!

